

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM HORÁCIO PERES SAMPAIO ALVES DE MATTOS

Horácio Peres Sampaio Alves de Mattos vivenciou os primeiros anos de funcionamento do ensino formal da Instituição, visto que compôs o grupo de primeiros alunos da Esav e se formou na primeira turma de Técnicos Agrícolas, em 1929.

Ficha técnica:

Data da entrevista: 16/10/1986.

Duração: 30 minutos e 31 segundos.

Local: Residência do entrevistado.

Entrevistador: José Marcondes Borges.

Profissão do entrevistado: Engenheiro Agrônomo.

Transcrição: Thiago Vitorino Teixeira

Revisão da transcrição: Gustavo Soares Sabioni

Revisão gramatical: Pollyanna Souza Pereira

Revisão Geral: Eduardo Luiz dos Santos

Diálogo:

Horácio¹: Reminiscência da Escola Superior de Agricultura Veterinária, de 1927 a 1929. Hoje, Universidade Federal de Viçosa. A gravação é feita por Horácio Peres Sampaio Alves de Mattos, ex-aluno desta Universidade, e foi feita no dia 16 de outubro de 1986, no Arquivo Central da Universidade Federal de Viçosa.

Em 1929, eu terminei o curso de Técnico Agrícola pela Universidade Federal de Viçosa. Antes, Escola Superior de Agricultura e Veterinária, antiga Esav. Em seguida, me transferi para Belo Horizonte porque, sendo um aluno de poucos recursos, consegui um emprego no Horto Florestal da Secretaria da Agricultura de Minas, como Técnico Agrícola. E, concomitantemente, me matriculei na Escola Superior de Agronomia e Medicina Veterinária de Belo Horizonte. Era uma escola modesta, pequena, mas que possuía diversos professores interessantes, bem preparados. Entre eles, Oscar Montes, entomologista, Môrcie Clerot, professor de Botânica, o professor Rogério, não me lembro agora o sobrenome, que era professor de Topografia, doutor Mourão, também professor de Topografia, Martim Francisco de Andrada, professor de Economia Política, e outros que eu não me recordo agora no momento. Bem, terminado o meu curso, em 1932, de Engenheiro Agrônomo pela Escola Superior de Agronomia e Medicina Veterinária de Belo Horizonte, me submeti a um concurso no Ministério da Agricultura, tendo antes passado pela Secretaria da Agricultura, conforme referência feita. No concurso que foi aberto no Ministério da Agricultura em 1934, eu obtive o 12º lugar na classificação, no meio de quase 200 e tantos engenheiros agrônomos. E fui então trabalhar no Instituto de Biologia Vegetal, como biólogo. Depois, então, fiz o curso de Engenheiro Florestal, quer dizer, Agrônomo Silvicultor, e fui convidado então para ser assistente do professor Luiz Carvalho de Araújo, que foi professor de Silvicultura na Esav, ou seja, na Escola Superior de Agricultura Veterinária de Viçosa. Como Agrônomo Silvicultor, que corresponde ao tipo de Engenheiro Florestal, trabalhei e fui chefe do Departamento de Florestas, fui chefe do Departamento de Silvicultura e depois me aposentei, em fato de ter atingido a idade prevista de 70 anos.

¹ **HORÁCIO PERES SAMPAIO ALVES DE MATTOS**, natural do Rio de Janeiro. Ex-aluno da primeira turma de técnicos agrícolas da ESAV (1928–1929).

Muito bem. Vamos agora fazer uma recapitulação da Esav. Em primeiro lugar, em 1927, veja bem, em 1927, o dormitório, ou seja, o alojamento dos alunos, não estava ainda pronto. Era diretor da Escola Superior de Agricultura Veterinária de Viçosa, a Esav, o grande educador americano Peter Rolfs, que tinha, e trouxe lá dos Estados Unidos, a Dona Effie, a sua esposa, santa senhora, e a sua filha, uma autêntica secretária, que é muito eficiente, Clarissa Rolfs. E o Dr. Bello Lisboa era um engenheiro de obras, Dr. João Carlos Bello Lisboa. E assim começava, então, a Esav. É preciso que abramos parênteses. A Escola Superior de Agricultura Veterinária, ou seja, a Esav, não começou como curso superior, e sim como curso de Técnico Agrícola.

Marcondes²: E você foi da primeira turma de Técnico Agrícola. Foi um aluno fundador.

Horácio: Muito bem. Agora, passamos agora a fazer uma recapitulação dos prédios daqui da Universidade. Em primeiro lugar, nós dormíamos no porão do prédio central. O prédio de recepção, o prédio de congregação, etc. Era, naturalmente, uma situação de emergência.

Marcondes: O Prédio Principal hoje é o edifício Arthur Bernardes.

Horácio: Exatamente. Então, dormíamos em uns quartos embaixo. Eram poucos alunos, eram mais ou menos 40 e poucos, quase 50. E dormíamos, fomos companheiros de alojamento. Secundino, Antônio Secundino de São José. O Paulo Salvo, que foi Secretário da Agricultura. Meu grande amigo. Como Secundino também. O Carlos Tomaz de Almeida. E parece que o Jarbas Guimarães, de Ponte Nova. Muito bem. O café da manhã, que logo em seguida foi orientado por Clarissa Rolfs, os alunos tinham um verdadeiro banquete no almoço, no café da manhã. Era um *breakfast* excepcional. Nós comíamos café, pão, manteiga e o *grapefruit*, que o Dr. Rolfs mandava a gente tomar. No lugar de suco, tomasse o *grapefruit*.

Marcondes: Como era servido esse...

Horácio: No refeitório, ali no prédio já do alojamento, que estava já pronto.

² **JOSÉ MARCONDES BORGES** (professor: 1945–1987), ex-aluno, engenheiro agrônomo (1944) pela ESA. Foi o idealizador do Museu Histórico e do Arquivo Central e Histórico da UFV.

Marcondes: Já estava pronto.

Horácio: Exatamente. E assim o almoço era uma mesa com dez alunos. Um almoço muito bom, muito variado. Enfim, a comida era muito boa. E ainda de manhã, além disso tudo, tinha os mingaus. Os mingaus que a dona Germana, depois que veio ser uma espécie de mamãe nossa orientadora, que nos dava toda a atenção e que verificava as dificuldades do aluno. Às vezes o aluno estava meio triste. Ela perguntava: “Por que você está triste, meu filho?” Então era uma verdadeira mãe espiritual que nós tínhamos ali dentro. Depois da dona Germana, veio a dona Hermengarda também, que eu conheci, que era uma senhora muito distinta. Havia então o seguinte. Logo em seguida, o esporte. O esporte, nós tínhamos a linha de tiro aqui dentro da Esav, em que eu fui o primeiro reservista, a tirar a função de reservista no Tiro de Guerra, cuja carteira está comigo e eu vou entregar ao Dr. Marcondes, para posteridade. E nós íamos fazer, então, atletismo. O atletismo consistia em corridas rasas, corridas de resistência, salto em altura, salto em extensão e lançamento de dardo e de peso. Depois, então, havia sempre o grande esperado, que era o futebol. No time de futebol da Esav, cuja camisa era verde e branca, em que eu ostentava aquela camisa, porque era com grande satisfação, grande prazer, eu era o atleta da universidade, em que eu jogava no primeiro time. Jogava na ponta direita. Eu era ponta direita e o Carlos Alberto López, que jogava na ponta esquerda. Então nós fazíamos aqueles jogos de passar a bola de um para o outro muito bem.

Marcondes: Quem eram os outros membros desse primeiro time?

Horácio: Do primeiro time? No gol era o Lelis. O beque era o famoso Secundino. No apelido nosso, que era de Lampião. Era apelido de Secundino. O Secundino era um rapaz muito forte também. E ele já tinha fama, que era um pouco violento. A bola passava, e o beque ficava. Então às vezes dizia que ele passava, dizia que você me machucou e tal, mas ele era sempre um deleitoso e a coisa ficava por aí. Depois veio o Vanetti. O Vanetti era um grande *houf* direito, jogava muito bem. E o Carneiro, que era o meio esquerda, tinha um chute potentíssimo. Então pusemos o apelido de Bode. O apelido do Carneiro era Bode.

Marcondes: Geraldo Gonçalves Carneiro.

Horácio: Geraldo Gonçalves Carneiro. E, em seguida, tínhamos vários elementos. Mas enxertavam o time da escola, veja bem, dois elementos. Um pedreiro, que não me lembro bem, um moreno, e o salame³, que era *hauf* esquerdo. Também, homem respeitoso pelas suas entradas violentas. Em seguida, eu me machuquei um dia em um treino.

Marcondes: O Nome do Salame é Tomás Teixeira, não é?

Horácio: É, Tomás Teixeira. Então, em um daqueles treinos, nós fazíamos já à tarde, que era o treino de futebol. A Esav já era um time que estava se firmando. Nós ganhamos jogos em Ubá. Jogamos aqui em São Geraldo. Jogamos em Ponte Nova. Ponte Nova perdeu, ganhava, perdeu e perdia e ganhava. E havia os brumosos lá de Ponte Nova, que eram bastante violentos, lá um tal de Beto. Eram incríveis os camaradas. Então, a parte esportiva resumia-se nisso. Até que houve a primeira prova esportiva de atletismo, que o Dom Helvécio seria o padrinho. Dom Helvécio, Arcebispo de Mariana. E, então, ofereceram àqueles que vencessem, que tinham direito a uma medalha. Eu tirei, então, nos 100 metros rasos, fui campeão. E a medalha que eu ganhei, ofereci, então, aqui, à Escola de Viçosa, na Universidade Federal de Viçosa. Com muito prazer. Bom, a parte esportiva era essa. O resto era motociclista também. Havia corrida de motocicleta. Bicicletas. Então, nós nos esforçamos, fazíamos provas. Eu queria também, um primeiro lugar, com a minha modesta bicicleta. E tinha isso. A parte de atletismo era, naturalmente, muito bem feita.

Marcondes: E quem lhe dava as instruções?

Horácio: Era o sargento Pedro Paula de Paiva.

Marcondes: Pedro Pereira Paiva.

Horácio: Pedro Pereira Paiva. Exato.

Marcondes: Ele acumulava também a função de instrutor do Tiro de Guerra.

³ Apelido de José Tomaz Teixeira

Horácio: Sim. Instrutor do Tiro de Guerra. Eu também fui um reservista, pelo instrutor de Tiro de Guerra. Primeira turma de reservista do Tiro de Guerra da Esav. Muito bem. Então, com respeito...

Marcondes: Onde funcionava o Tiro de Guerra?

Horácio: O Tiro de Guerra funcionava ali perto daqueles prédios ali. Mas, engraçado, ele tinha aula no Prédio Principal. E funcionava no campo de futebol, na ordem unida.

Marcondes: Quando eu cheguei aqui, em 1939, o Tiro de Guerra funcionava entre os dois prédios. Entre o Prédio Principal e o Dormitório. À direita, onde é hoje o edifício Fabio Ribeiro Gomes, o edifício da Química, era uma praça de esportes.

Horácio: Exatamente, sim.

Marcondes: E, mais atrás, já quase na beira do barranco, tinha uma casa, onde funciona hoje o correio, que era o Tiro de Guerra. Era a mesma?

Horácio: Não, isso eu não me lembro. Eu sei que o Tiro de Guerra funcionava, parece, precariamente, num prédio ali, no Prédio Principal, embaixo, numa daquelas salas. Mas nós fazíamos a ordem unida e eu era o comandante da banda, eu tocava surdo. A alma da marcha é o surdo, é quem marca a marcha. Então, o Pedro Paiva, o representante Paiva, me colocou como comandante da banda. Nós desfilamos na cidade. Um dia chegou aqui um embaixador americano, que estava visitando a escola da Esav, e nós fomos recebê-lo na estação de bicicleta, batedores de bicicleta, e a banda tocando o surdo. E foi um espetáculo muito bonito. A rapaziada era toda muito bem fardada. Éramos uns rapazes muito fortes, nós fazíamos exercícios. E foi um espetáculo formidável. E o embaixador saiu muitíssimo impressionado conosco. Bem, passamos agora à questão da sociedade que me pediu, sobre os alunos da reta como eram conhecidos ou os alunos da Esav. Evidentemente que nós éramos rapazes fortes, bem nutridos. E as moças, e filhos de fazendeiros, filhos de gente muito bem colocada. Nós temos aqui o filho do promotor de São Paulo, o Soares de Mello, e outros. Alvaro Maletta, filho do dono do grande hotel de Belo Horizonte.

Marcondes: Arcângelo Maletta.

Horácio: Então eram pessoas, rapazes, vamos dizer, que tinham interesse pelas moças de Viçosa. Aí houve, então, uma rivalidade entre os rapazes da cidade e os rapazes da Esav. Ou como eles nos chamavam, os rapazes da reta. E saiu um incidente entre o Secundino e um cidadão lá de Viçosa, que eu não me lembro, era um tal de Ninho, eu não me lembro bem. O Secundino era muito valente e deu logo um soco na cara do rapaz. E aí fechou o tempo. Aí nós aqui mobilizamos todo o esforço da cidade. Às seis horas da tarde. Então você via coisas engraçadas. Alunos pegando tijolos, embrulhando tijolos na mão e levando, outros porretes, outros pedaços de pedra. Iria sair uma carnificina tremenda, quando o padre...

Marcondes: Padre Álvaro Corrêa Borges.

Horácio: Exatamente. Saiu às seis horas da tarde e pediu, vocês parem com isso, pelo amor de Deus, não vai ficar bem. E nós paramos. Mas houve aquela coisa, aquele atrito, e houve acusações de parte a parte. Mas nós levamos vantagem pois éramos muito mais fortes.

Marcondes: Houve intervenção da polícia?

Horácio: É. Mas aí houve o seguinte. Houve intervenção da polícia. Mas nós tínhamos ali os fuzis. Então nós fomos saindo com os fuzis também. Fuzis. Quer dizer, um troço completamente louco. Mas depois a coisa foi acalmada. O sargento foi lá, e nos trouxe de volta. Então terminou por aí. Bello Lisbôa fez nossa prevenção e nós acabamos muito bem. E as moças continuaram namorando os rapazes da reta. Muito bem.

Marcondes: Já que você está falando isso, a rivalidade e etc. Por causa das moças, o que é muito natural, é bom falar um pouco dos bailes. Como era a vida social?

Horácio: A vida social era uma vida muito simples, muito pura. Os rapazes saíam daqui de tarde, nas suas bicicletas, e iam fazer namorar as suas mocinhas na cidade. Depois de chegar às sete horas, que era a hora que o Bello Lisbôa exigia que nós chegássemos no dormitório, e cada dormitório embaixo, onde depois passamos para o alojamento, cada alojamento tinha um aluno responsável por aquilo, pela disciplina. Se o aluno chegasse às sete e cinco, ele entrava no relatório. E esse relatório era para o Bello Lisbôa. O Bello Lisbôa chamava o

aluno e chamava a atenção. O Bello Lisbôa não permitia que se fumasse na sala de aula. Era proibido veementemente. E não permitia que se fumasse pelo refeitório.

Marcondes: E nem na escadaria do Prédio Principal.

Horácio: Exatamente. Então alguns alunos se insurgiram uma vez, uma turma do Rio, que eram um pouco espertinhos, cariocas, e achavam que aquilo era um desaforo. Não era preciso, mas o Bello manteve e ganhou a parada. Depois eles agradeceram o próprio Bello porque deixaram o vício de fumar.

Marcondes: O senhor foi um desses?

Horácio: Eu fui um desses.

Marcondes: Naquele tempo?

Horácio: Naquele tempo. Eu fumava um tal de cigarro Iolanda. Não sei se você lembra. Fortíssimo. Um tal de cubano. Eu que era aluno pobre, eu gastava aquilo e filava o dos outros. E aquilo que me fazia mal. Parei de fumar e fiquei um atleta. Fiquei mais forte ainda. Onde se veio a conclusão que o fumo faz mal. Muito bem. Com referência, então, à nossa formatura, que foi em 1929, nós tivemos uma festa muito bonita em dezembro, porque não só parte da guarda da sociedade de Viçosa comparecia, que o Dr. Bello convidava, o prefeito, o ministro, o promotor, etc. Os delegados, a polícia, como vinha o representante da Secretaria de Agricultura de Belo Horizonte. E assim tivemos aqui a presença do secretário de Agricultura, Dr. Daniel de Carvalho, que foi até ministro de Agricultura posterior, no meu tempo, que estava já no Ministério. A formatura de 1929, foi a nossa formatura modesta, acho que foi no meio do ano. Evidentemente que os Engenheiros Agrônomos foram se formar depois de dois anos. A primeira turma de Engenheiros Agrônomos que se formaram, parece que eram sete ou oito, que era o Paulo Salvo, o Secundino, o Tomás, o Renato Correia, o Soares Brandão, de Ponte Nova. Estes se formaram no ano de 1931, que foi a primeira turma de Engenheiros Agrônomos. Muito bem.

Marcondes: Já que você falou dos Engenheiros Agrônomos, fale dos seus colegas que formaram, o nome dos técnicos agrícolas que se formaram.

Horácio: A minha turma era uma turma pequena, bem pequena. Mas os meus colegas foram Jarbas de Marés Martins, de Ponte Nova, o Antônio Carmo da Mata, que era um senhor já de bastante idade, tinha uma força de vontade de estudar enorme, de se formar, e terminou o seu título de Técnico Agrícola. E o Márcio Veloso, meu grande amigo e colega, depois foi trabalhar no serviço de exportação de laranja, ganhando muito bem, como Técnico Agrícola. E nós tínhamos ainda a Pimenta...

Marcondes: Olha, repete. Aí o pessoal, os seus colegas de turma.

Horácio: Se não me falha a memória, porque você sabe que é um negócio de mais de quase cinquenta anos. Mas a primeira turma, que eu fiz parte dela, nós tínhamos o José Coelho da Silva, Coelhinho. Tínhamos o Donato Capobianco, o Gilmar Gomes Veloso, que, aliás, morreu há pouco tempo. Eu, o Horácio Peres de Mattos, Jarbas Martins da Silva, de Ponte Nova, José Cândido Passos Maia, o vulgo Senador, e Lineu Botelho Pereira, que era o Vovô, Manoel do Carmo, que já era um senhor, Pedro Paulo Pereira Brandi, e Álvaro Pontes Magalhães.

Marcondes: Esses se formaram em julho.

Horácio: Agora os outros foram Antônio Monteiro Basco, Benito Furtado Mendonça, Carlos Infante Vieira, José de Aquino, Joaquim Fernandes Braga, Juventino Alencar Filho, Luciano Guadagnin, Geraldo Teixeira e Alberto da Silva Araújo. Esses e na minha turma, inclusive o Álvaro Pontes Magalhães, continuaram e fizeram o curso mais tarde de Engenheiro Agrônomo.

Marcondes: Pois é. Mas essa segunda turma se formou em dezembro.

Horácio: Exatamente.

Marcondes: Quer dizer, em dezembro, houve duas formaturas. Uma em julho e outra em dezembro, como você acabou de falar.

Horácio: Além dos pica fundos e os anos elementares, que eu não me recordo agora, para me somar. Que era um ano só, né? Nós fomos em dois anos. Muito bem.

Marcondes: Olha, uma personalidade, duas personalidades, marcam o início da universidade.

Horácio: Da fundação.

Marcondes: Da Esav.

Horácio: Exato.

Marcondes: É Peter Rolfs e Bello Lisbôa. Fala qualquer coisa sobre os dois. Fala sobre os dois.

Horácio: Vou falar primeiro sobre o doutor Peter Rolfs. Como você sabe, ele foi contratado pelo governo mineiro para organizar a futura Escola de Agronomia e Veterinária do Estado de Minas Gerais em Viçosa. Houve logo no início uma que eu soube, que não queriam fazer a Escola em Viçosa. Houve um pouco de política. Mas o doutor Arthur Bernardes, que era daqui de Viçosa, que tinha sua casa na praça, que você conhece, que era um grande político, ele achava que podia se fazer exatamente a Escola Superior de Agricultura e Veterinária aqui em Viçosa. Designou, então, o Bello Lisbôa para acompanhar a localização da Esav. E, assim, ela foi escolhida pelo próprio Bello Lisbôa⁴, né? E por outras pessoas.

Marcondes: Havia uma comissão.

Horácio: Uma comissão. Fundara a Escola, aqui, então, tivemos a presença do doutor Rolfs. Dona Clarissa Rolfs, que é uma moça muito ativa e de grande personalidade. A dona Effie, que era a senhora dele, que era uma santa, e que conversava com os alunos, fazia bolo doce para os alunos.

Marcondes: Como era o português dela?

⁴ Houve pequena confusão do entrevistado. Quem liderou a comissão para escolha da cidade e local para construção da Escola foi Peter Rolfs.

Horácio: Era um português, assim, meio americanizado, né?

Marcondes: Mas dizem que o doutor Rolfs, que o português dele era horrível.

Horácio: Ah, o português dele era horrível. Porque o doutor Rolfs, durante muitos anos aqui, não falava bem português. Falava um pouco atravessado. Mas dava para se entender. Mas a Clarissa que, sempre ao lado dele, corrigia as falhas.

Marcondes: Como ele tratava os alunos?

Horácio: Ah, ele tratava de um modo todo respeitoso, porque ele era um cidadão que já impunha respeito pelo seu porte. Um homem bonito, cabelo branco, pele vermelha, olhos azuis. E ele era muito educado. E vivia na casa em que ele morava, já pronta, perto dali, naquela área perto do campo de futebol.

Marcondes: Onde é hoje a Reitoria.

Horácio: Exatamente.

Marcondes: Edifício Peter Rolfs.

Horácio: Exatamente. O doutor Rolfs era um que, era um que entendia muito de jardinagem. Era um paisagista. Então ele cultivava *gladiolo*, “Palma de Santa Rita”, de várias cores. Fazia seleção, compreendeu? Das batatas, etc. E chamava a gente para ver. Ele era um homem interessante, muito educado. Em educação, esmerada. E a dona Effie, sempre muito boa também, muito amiga dos alunos. Então nós vivíamos ali perfeitamente, com íntima intimidade, vamos dizer, com a família Rolfs. Quanto ao Dr. Bello Lisbôa, Bello Lisbôa era um homem que impôs um regime aqui na universidade. Um regime que muitos não gostavam. Eu já gostava, porque a gente aprendia aqui a ter responsabilidade sobre si mesmo. E saber tratar os outros. Respeitando sempre. Então o Dr. Bello era um homem muito enérgico. Mas ele fazia, da energia dele, um bom encaminhamento do homem de bem. Essa que era a verdade. E o Dr Bello, a primeira coisa que ele fez, não permitia fumar nem na sala de aula, nem no dormitório e nem no refeitório. E isso ele seguiu religiosamente e com muita

energia. Não permitia. O aluno que insistisse em fumar, ele já dava uma suspensão ou qualquer coisa nesse sentido. Chamava, primeiro chamava atenção, segunda, chamava, a terceira, agia. Mas era um homem formidável. Marido exemplar, ele tinha a esposa dele, Dona Biruru⁵, uma senhora muito bonita e de uma educação esmeradíssima. Dona Biruru era uma criatura boníssima. Também tinha contato com alguns alunos, inclusive comigo. E sempre que íamos à casa dela, oferecia um doce, oferecia um café, era uma senhora educadíssima.

Marcondes: Onde ele morava?

Horácio: Ali naquele prédio em frente ao alojamento. Eles foram para lá.

Marcondes: Ah, onde hoje é a Casa dos Hóspedes.

Horácio: De Hóspedes, começou lá, comendo lá. Então, quanto ao Bello Lisbôa, eu sempre achei que era um homem muito patriota, e tinha um amor aqui à Esav incrível. Mas ele ligava ao profissional competente, que nós, assim que a escola, a Esav começou a se projetar no norte, no nordeste e sul, começaram a surgir os pedidos de emprego. E nós não tínhamos os Engenheiros Agrônomos para mandar. Então, nós tínhamos que mandar Técnico Agrícola. E foi assim que vários Técnicos Agrícolas que aqui formaram conseguiram bons cargos no norte e no nordeste. E depois, como era Técnico Agrícola, ninguém ia chamar de técnico. Chamavam de doutor já, e ficavam Engenheiros Agrônomos, pensando que era engenheiro. Então desse jeito ficou. Então, vários, como Técnico Agrícola, se passaram por Engenheiros Agrônomos. Não que eles pedissem. Normalmente, era coisa que ninguém sabia de detalhes, né?

Marcondes: Horácio, fala aí sobre os professores. A matéria que eles davam, algum comentário que você queria fazer, alguma piada.

Horácio: Os professores que nós tivemos, no início, o Bello Lisbôa tinha o especial cuidado de somente contratar bons professores, com boas recomendações. Começar pelo Diogo Alves de Mello. O doutor Diogo, ele esteve nos Estados Unidos muitos anos, se formou lá. E fazia

⁵ Maria do Carmo Bello Lisbôa

curso de solos, de aração de solos, preparo de solos, e trouxe ideias, as mais modernas, naquele tempo, veja bem, em 1927, né? Então, as aulas do Diogo eram verdadeiras apoteoses dos Estados Unidos. O Diogo sempre falava com muito entusiasmo dos Estados Unidos. E isso contaminava a gente. Então, eu ficava muito satisfeito pelas belíssimas aulas que o Diogo dava. Nós tivemos um professor, Humberto Bruno, que era professor, foi professor no Rio, da Escola de Agronomia do Rio. Nesse tempo, a Escola era em Praia Vermelha, não era no Km 47. E que eu também fui professor, como você sabe. O Lourenço Menicucci era o professor de Física.

Marcondes: O Humberto Bruno era professor de quê?

Horácio: De Botânica. Ele dava Botânica Geral. Não dava Botânica muito especializada, porque ele não era forte em Botânica especializada.

Marcondes: Era Horticultura.

Horácio: Era Fruticultura também. Porque, antigamente, a cadeira de Botânica era Fruticultura, Botânica, e, inclusive, dava também aula de Silvicultura. E depois, a posterior, não na minha turma, na outra, veio o professor Luiz Carvalho de Araújo, com quem eu trabalhei no Km 47, como seu assistente de Silvicultura. O Lourenço Menicucci era um sujeito formidável, de uma inteligência muito rara, e era excepcional professor, e possuidor de uma grande didática. Lourenço Menicucci. Manoel da Costa Lana, exímio professor de Português, porque, você veja bem que nós tínhamos aulas de Português, Física, um pouco de Química, e tínhamos também aulas de Botânica, etc., etc., e Matemática, que era o Mário Machado, que dava Álgebra, e dava também o Ormindo Dipo Suárez de Oliveira, dava a parte Cinética, etc., e um pouco também de Álgebra, Geometria, essa coisa. E, a propósito do Ormindo Dipo, eu vou contar aqui uma anedota, se você me permite, é uma brincadeira. O Ormindo Dipo era um sujeito muito bom, mas ele era um pouco nervoso. E nós tínhamos um aluno na minha turma, que era o que você conhece, eu já lhe falei, que era o Senador Passos, que era o filho do senador Passos Maia. E ele era muito brincalhão e tal, e falava muito, gritava e tal. Então, nós fizemos o apelido de Senador, em homenagem ao homem que o criou, o senador Passos Maia. E, em uma das aulas, fizemos, entramos e tal, passou aquele barulho e o Ormindo entrou e falou: “Não, eu não permito esse barulho, que negócio é esse? Eu absolutamente não aceito.” E o Passos Maia sentava sempre no fundo da sala de aula. E,

de repente, o Ormindio falou: “Olha, vamos acabar com esse barulho, eu não permito e não admito um pio aqui.” Houve aquele êxtase, parou todo mundo e o Passos Maia no fundo: “Pio!” E o pessoal caiu na gargalhada. Acabou com tudo. E essa era uma das piadas.

Marcondes: Diga-me uma coisa, os professores, sempre que a gente vê as fotografias que têm os professores e alunos, tá tudo engravatado. Os professores davam aula de gravata ou não?

Horácio: Grande parte dava. Só o Lana que dava as aulas de paletó, mas com a camisa aberta. Manoel da Costa Lana, que era de Ponte Nova, sujeito formidável e grande professor de Português.